



Divulgação

Cena do documentário *33*, de Kiko Goifman

CINEMA

A HORA E A VEZ DO DOCUMENTÁRIO

O documentário vive, hoje, uma verdadeira efervescência tanto na produção como na pesquisa. Apesar de ainda não desfrutar dos grandes investimentos da indústria cinematográfica, nem tampouco obter o sucesso comercial de filmes como *O senhor dos anéis* ou *Kill Bill*, o número de produções tem crescido, chegando às salas de cinema mundo afora, e seus diretores voltam a ter o talento reconhecido.

Para o pesquisador Fernão Ramos, professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), “o documentário deixou de ser marginal e está, cada vez mais, ocupando um lugar central no cinema”. A evidência mais recente desse fenômeno é *Fahrenheit 9/11*, que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes, conquista que apenas outro documentário, *O mundo do*

silêncio, de Jacques Cousteau e Louis Malle, havia conseguido antes, em 1956, quando o prêmio ainda nem tinha o mesmo nome. O polêmico documentarista norte-americano, Michael Moore, já havia emplacado outro documentário anteriormente, *Tiros em Columbine*, e chamado a atenção para o gênero.

Na França, Nicholas Philibert conseguiu uma performance semelhante para o seu documentário *Ser e ter (Être et avoir)* que aborda o cotidiano de alunos de uma pequena escola rural, responsável, inclusive, por uma polêmica sobre direitos autorais para o professor retratado no filme, chegando até a uma disputa judicial em torno dos lucros obtidos com a exibição.

A produção brasileira, igualmente, vem ganhando maior visibilidade e tem no festival internacional de documentários

É tudo verdade um quadro representativo desse cenário. Em 1996, quando foi criado, o festival reuniu 50 filmes produzidos no país; neste ano, o número foi cinco vezes maior.

Essa explosão de interesse pelo gênero deve-se, em grande parte, ao surgimento da câmera digital, que barateou a produção. Para Ramos, cresceu, igualmente, a demanda por narrativas que reflitam sobre as imagens relacionadas com a realidade concreta que as pessoas vivem. “Hoje, a audiência do documentário já domina cerca de 15% das exibições no país, o que é um salto muito grande ao índice de 1% a 2% de anos atrás”.

COMERCIALIZAÇÃO DIFÍCIL Embora distribuidores e público estejam mais receptivos ao documentário, ainda há dificuldades em se manter em cartaz no circuito comercial de cinema. “Entrar nas salas é difícil, mas possível. O problema é que, se o filme não alcançar um público razoável na estreia, a tendência é que reduzam horários, mudem para uma sala pior, o que significa também uma tendência a fazer um público menor na semana seguinte”. Kiko Goifman, diretor de *33* e *Morte densa*, acrescenta que o documentário brasileiro enfrenta, ainda, a concorrência dos estrangeiros e dos filmes de ficção. “Se você chega ao circuito comercial sem verba para publicidade e cópias, seu filme ficará pouco tempo em cartaz, explica.

O circuito de festivais e as TVs são os meios de exibição mais comuns para o gênero, mas a parceria com canais a cabo ainda é fraca no Brasil. O surgimento do canal GNT animou os documentaristas, mas a emissora não tem verba para a produção dos filmes, pois “é mais barato comprar pacotes internacionais”, lamenta Goifman.

MAIS SEDUÇÃO O cineasta defende políticas de estímulo para que o público entre no cinema para conhecer a produção atual de documentários, o que inclui até a redução do preço do ingresso. Existe hoje uma produção mais instigante e sedutora”, diz. O próprio Goifman fez um documentário autobiográfico, o *33*, onde trata da questão de adoção, ao registrar a busca por sua mãe biológica. O filme se estrutura de forma parecida com a ficção, como aponta o crítico e professor de cinema Jean-Claude Bernardet.

“O bom documentário tende à ficção; a boa ficção tende ao documentário”, nas palavras do cineasta francês Jean-Luc Godard ao se referir ao cinema de seu compatriota, Jean Rouch, que morreu no início deste ano. Rouch transcende o terreno do documentário, misturando procedimentos e influências da ficção no desenvolvimento de seus filmes. Em *Eu, um negro (Moi, un noir)*, de 1958, os personagens, reais, “fazem de conta” que são atores conhecidos do cinema americano, ficcionalizando a si próprios. “Os filmes de Rouch são, de certa forma, ficcionais”, avalia Bernardet.

“O documentário não tem que informar, educar, não é jornalismo; mostra maneiras de se ver o mundo”, pondera o cineasta Eduardo Coutinho de *Cabra marcado para morrer* e *Edifício Master*. Goifman entende o abandono do didatismo como um dos fatores para esse bom momento do cinema não-ficcional. O diretor empresta seu olhar mas não reproduz a realidade em si, diz Goifman citando o filme *Prisioneiro da grade de ferro*, de Paulo Sacramento, sobre o presídio Carandiru, mas sem pretender desvendar a totalidade dos fatos.

Ana Carolina Freitas

AGENDA DOS DOCUMENTÁRIOS NA TV PÚBLICA

As emissoras públicas do país - TV Cultura e TVE - vão exibir até dezembro, todos os sábados, às 21 horas, a série *Brasil imaginário*. São 26 documentários produzidos em 20 estados brasileiros, selecionados em concursos públicos estaduais, entre 628 inscritos.

09/10 - Mbya guarani. Guerreiros da liberdade (SC)

O processo de aculturação dos índios guarani Mbya. A resistência de um povo e a luta pela terra.

Direção: Charles Cesconetto.

16/10 - O rio das mulheres pelo olhar de Ivaneide (SE)

Elogia a mulher ribeirinha do Baixo São Francisco, narrada pelo cotidiano de Ivaneide. Sonhos, aspirações e sua relação com o rio. **Direção:** Carlos E. Ribeiro.

23/10 - A selva na selva (AM)

Os mitos amazônicos e seus reflexos no cotidiano do cidadão amazonense. **Direção:** Luiz Carlos Martins de Souza e Paulo César Freire.

30/10 - Mil sons geniais (MG)

A diversidade musical mineira através do mosaico que coloca lado a lado manifestações da cultura popular, o pop e a vanguarda. **Direção:** Paulo C. Vilara de Mattos.

06/11 - Contos da terra sagrada (PR)

A condição atual de vida de tribos kaingangue e xetés e sua contribuição à cultura paranaense.

Direção: Silvana Corona e José Luiz de Carvalho.

13/11 - Preto contra branco (SP)

Jogo de futebol de várzea, que se realizará 30 anos na favela de Heliópolis, reúne os times “dos brancos” contra “os pretos”, uma alegoria sobre a diversidade racial no Brasil. **Direção:** Wagner Morales.

20/11 - Quilombos maranhenses: cultura e política (MA)

A invisibilidade social das comunidades negras nos conflitos de desapropriação de terras quilombolas.

Direção: Cláudio Farias.

27/11 - Rever (RJ)

Busca por figurantes que atuaram em um filme de 22 anos atrás, moradores da periferia de Nova Iguaçu, e sua trajetória a partir da experiência nas Pastorais Operárias do período. **Direção:** João Vargas Penna.

04/12 - Vladimir Carvalho: conterrâneo velho de guerra (DF)

Biografia do documentarista, cuja obra é dedicada ao homem nordestino e ao coração do Planalto Central. **Direção:** Dácia Ibiapina.

11/12 - Mitos e lendas no reisado de Inhanhum (PE)

A história desse folgado popular, tradição do sertão do São Francisco. **Direção:** Alexandre Fernandes.

18/12 - Comunidade do sutil (PR)

Trata das tradições de uma comunidade de descendentes de escravos e da re-inserção do negro na formação cultural paranaense. **Direção:** Adriano Justino.

Fonte: TV Cultura